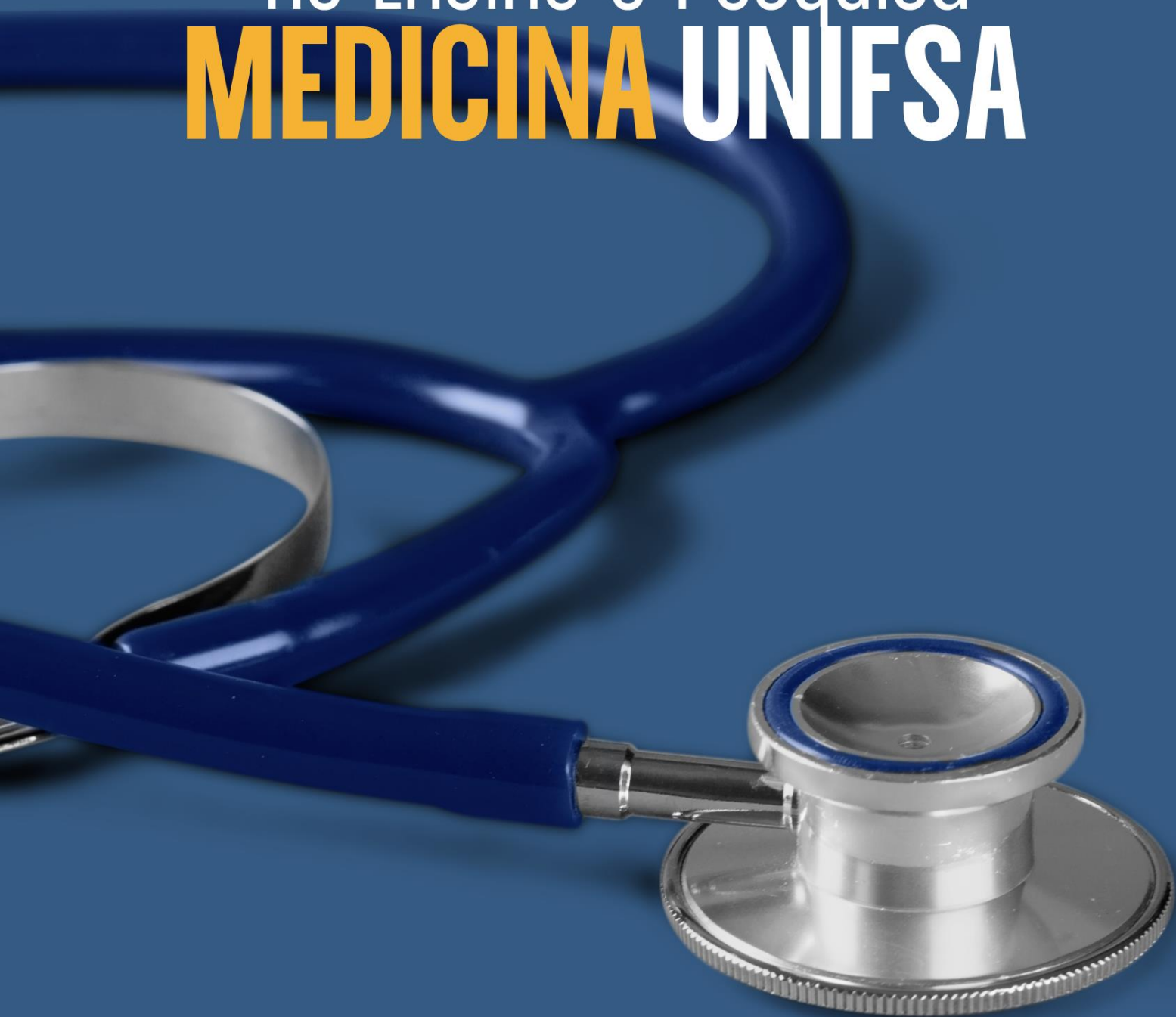


ALISSON DIAS GOMES
IZABEL HERIKA GOMES MATIAS CRONEMBERGER

Práticas Exitosas no Ensino e Pesquisa **MEDICINA UNIFSA**





ALISSON DIAS GOMES
IZABEL HERIKA GOMES MATIAS CRONEMBERGER

Práticas Exitosas no Ensino e Pesquisa **MEDICINA UNIFSA**





CENTRO UNIVERSITÁRIO SANTO AGOSTINHO – UNIFSA
PRÓ-REITORIA DE ENSINO
DIRETORIA DE ENSINO
NÚCLEO DE PUBLICAÇÕES ACADÊMICAS

Este livro é uma produção © NPA / UNIFSA

Publicação digital pela Editora Lestu

Supervisão Editorial: Ana Kelma Cunha Gallas

Artes e Capa: Odrânio Rocha

Diagramação: Edson Rodrigues Cavalcante

EDITORA LESTU



Editora, Gráfica e Consultoria
Ltda

Contato: editora@lestu.org

site: www.lestu.com.br

Livraria: www.lestu.org



Este título é publicado sob a licença *Creative Commons Attribution-NonCommercial-NoDerivatives 4.0* (CC BY-NC-ND 4.0) e segue o modelo de Acesso Aberto (*Open Access*), que disponibiliza artigos e livros acadêmicos gratuita e irrestritamente na internet. Disponível em: www.lestu.org

FICHA CATALOGRÁFICA

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Biblioteca Antônio de Pádua Emérito

Elaborada por Lílian Farias Pinto - CRB-3/1271

AN532 Práticas exitosas no ensino e pesquisa – Medicina UNIFSA / organizado por Alisson Dias Gomes; Izabel Herika Gomes Matias Cronemberger; Edjôfre Coelho de Oliveira; Antonieta Lira e Silva; Indira Maria de Melo Lira Pereira da Silva. – Teresina : Centro Universitário Santo Agostinho – UNIFSA / Editora Lestu, 2025.

180 p. : il. ; recurso eletrônico (PDF).

ISBN: 978-65-983771-3-7

DOI: 10.51205/lestu.978-65-983771-3-7

1. Medicina. 2. Educação médica. 3. Pesquisa científica. 4. Inovação em saúde. 5. Ensino superior. I. Gomes, Alisson Dias (org.). II. Cronemberger, Izabel Herika Gomes Matias (org.). III. Oliveira, Edjôfre Coelho de (org.). IV. Lira e Silva, Antonieta (org.). V. Silva, Indira Maria de Melo Lira Pereira da (org.). VI. Título. VIII. UNIFSA

CDD: 610

Índices para catálogos sistemáticos

Medicina. Educação médica. Pesquisa científica. Inovação em saúde. Ensino

DESCONECTA E BRINCA A INFÂNCIA QUE ENCANTA: RELATO DE EXPERIÊNCIA DOS ACADÊMICOS DE MEDICINA*

Suelen Christina Nunes Avelino

Maria Rita Rodrigues Ferreira

Lísia Victória Ferreira de Sousa

Gislana Andrade Brito

Hosana Maria Araújo Rego

Fernanda Miranda Costa

Kauan Veiga dos Santos Silva

Alisson Dias Gomes

Izabel Herika Gomes Matias Cronemberger

* Relato de Experiência construído nas disciplinas “Projeto Extensão, Pesquisa e Ensino I” e “Método Científico e Medicina baseada em evidências I”, ministradas em 2025, pelos professores doutores Alisson Dias Gomes e Izabel Herika Gomes Matias Cronemberger, no Curso de Medicina do Centro Universitário Santo Agostinho, Teresina (PI).

RESUMO: Este relato descreve a nossa experiência como acadêmicos de Medicina na intervenção educativa em saúde do projeto “Desconecta e Brinca: a infância que encanta”, desenvolvida no Instituto Vida Abençoada, que atende famílias na região de Lagoa do Piauí. Nosso objetivo foi promover a saúde emocional das crianças por meio do diálogo sobre os malefícios do uso excessivo de telas, mediante oficinas práticas de produção de brinquedos recicláveis e brincadeiras tradicionais. As atividades buscaram demonstrar que brincar é uma atividade lúdica acessível e importante para o desenvolvimento infantil, sem a necessidade de ter brinquedos caros ou o mau uso de telas, resgatando formas simples e inclusivas de diversão. Durante as atividades, foram observados o engajamento e entusiasmo das crianças, o fortalecimento de vínculos, a promoção de reflexões sobre hábitos mais saudáveis e sobre a saúde emocional. A experiência contribuiu significativamente para nosso desenvolvimento profissional e humano, gerando uma visão ampliada sobre o cuidado integral em saúde.

Palavras-chave: Saúde Emocional; uso de telas; infância; brincadeiras.

1 INTRODUÇÃO

A saúde emocional é um fator essencial que impacta diversos aspectos da vida, como a autoestima, a saúde mental, física, e, principalmente, o desenvolvimento pessoal do indivíduo, algo que ocorre de forma intensa durante a infância, período marcado pela alta capacidade de absorver práticas e pela curiosidade constante. Por isso, é importante estar atento aos hábitos da criança nessa fase, especialmente no ambiente digital, já que os filtros disponíveis podem ser facilmente desativados, facilitando o acesso a conteúdos sensíveis, que podem causar traumas e prejudicar seu desenvolvimento profundamente.

Brincar é mais do que uma atividade recreativa: é uma linguagem emocional, uma forma de existência, um direito e, sobretudo, um fator determinante de saúde mental e emocional. É no brincar que a criança se expressa, se organiza internamente, compreende o mundo ao seu redor e constrói vínculos afetivos. Como destaca Kishimoto (2007), “brincar é uma linguagem própria da infância”, fundamental não apenas para o desenvolvimento motor e cognitivo, mas também para a saúde emocional. Contudo, essa linguagem tem sido silenciada, não por falta de interesse das crianças, mas pela substituição precoce do lúdico pelo digital.

A presença cada vez mais intensa de telas na vida das crianças, principalmente em contextos de vulnerabilidade social, representa um fenômeno alarmante e crescente. Essa exposição de telas excessiva é um fator que desperta a preocupação por vários problemas sociais e patológicos que podem ser gerados. Segundo a Sociedade Brasileira de Pediatria (2019), o uso excessivo de dispositivos digitais está associado a diversos danos, incluindo distúrbios do sono, sedentarismo, ansiedade, dificuldades de atenção e empobrecimento da linguagem. Esse uso desregulado priva a criança de experiências que envolvem troca, movimento, criatividade e presença. Como afirma Liu *et al.* (2022), o tempo prolongado de tela está diretamente associado a problemas de internalização e externalização, incluindo sintomas depressivos, retraimento social, hiperatividade e impulsividade.

Estudos reforçam essa preocupação. Uma pesquisa realizada por Paulich *et al.* (2021), com dados do *Adolescent Brain Cognitive Development Study* (ABCD), mostrou que o aumento no tempo de exposição às telas está moderadamente ligado a piores índices de saúde mental, queda no rendimento escolar e pior qualidade do sono. Esses impactos se tornam ainda mais fortes quando o uso de mídias digitais ocorre de maneira passiva, sem a supervisão de um adulto, substituindo atividades mais interativas e educativas. Além disso, Alzubaidi *et al.* (2024) observaram uma correlação estatisticamente significativa entre o uso de smartphones e sintomas depressivos em crianças e adolescentes.

Outros estudos apontam que o uso precoce e prolongado de telas afeta regiões cerebrais relacionadas ao autocontrole, à memória de trabalho e ao processamento emocional, comprometendo o amadurecimento das funções executivas e dificultando a construção de habilidades sociais (Christakis, 2019). Conforme revisão publicada na *Pediatrics*, há fortes indícios de que crianças que passam mais tempo em frente às telas demonstram menor empatia e têm menos oportunidades de desenvolver regulação emocional, habilidades de resolução de problemas e capacidade de tolerar frustrações, como competências essenciais para lidar com os desafios do cotidiano (Ginsburg, 2007).

Foi diante dessa realidade tão presente que nasceu o projeto de intervenção “Desconecta e brinca: a infância que encanta”, motivado pela importância da promoção da saúde emocional na infância. Na idealização do projeto, objetivou-se propor, com base em evidências científicas e em sensibilidade social, uma ação que

possibilitasse a criança se conectar a infância, com o direito de imaginar, criar, conviver e se expressar.

A motivação para o projeto foi ganhando mais importância ao decorrer de estudos e pesquisas voltados para esse tema, a partir do reconhecimento de que, em muitos contextos, as crianças não estão apenas em risco social, mas também em profundo risco emocional. Dessa forma, sentimos que promover cuidado é também oferecer tempo, escuta, alegria e espaço, porque tudo isso gera um impacto positivo na realidade das pessoas.

A escolha do local foi um capítulo à parte. Uma das integrantes da equipe havia conhecido o espaço Angelim Farm, em Lagoa do Piauí, durante sua participação no projeto Natal Solidário, promovido pela Igreja Batista Angelim. O Angelim Farm pertence ao Instituto Vida Abençoada, uma organização sem fins lucrativos que atua ao longo do ano com projetos sociais, incluindo o Mercado Solidário, atendimentos médicos, odontológicos, psicológicos, serviços farmacêuticos e capacitações profissionais. Sua atuação impacta diretamente famílias em situação de vulnerabilidade, oferecendo dignidade onde muitas vezes só há escassez. Saber que nosso projeto poderia somar forças com essa missão reforçou nossa ideia sobre a importância e o impacto positivo na comunidade.

Desde o início, o nosso foco foi a promoção da saúde emocional infantil. Por isso, cada escolha foi intencional: desde as atividades até a forma como seriam conduzidas. Acreditamos que o lúdico carrega a capacidade de organizar emoções, criar vínculos e expressar sentimentos. A oficina de brinquedos recicláveis, por exemplo, foi planejada para que cada criança pudesse criar com as próprias mãos e reconhecer seu valor criativo. Como muitas delas disseram: “nunca tinham feito um brinquedo”. A atividade se tornou um exercício de autonomia, autoestima e pertencimento, que são componentes fundamentais à saúde emocional, como reforçam Ginsburg (2007) e Souza *et al.* (2021).

Esse projeto teve como objetivo principal fomentar o desenvolvimento emocional das crianças por meio da reflexão das brincadeiras, incentivando a criatividade, a interação e o uso equilibrado das telas no cotidiano. E, para alcançar esse propósito exploramos diferentes estratégias sobre o cuidado emocional, e assim definimos como objetivos específicos: explorar diferentes estratégias de cuidado emocional por meio de brincadeiras tradicionais; favorecer o cuidado em saúde mental

infantil através de momentos de leveza, riso, cooperação e descontração, fortalecendo vínculos afetivos; reduzir os efeitos do isolamento digital, promovendo o equilíbrio no uso de telas e o prazer pelo brincar espontâneo e em grupo, mostrando que brincar também é aprender; e experimentar a produção de atividades educativas e brinquedos feitos com materiais acessíveis, valorizando a autonomia e a criatividade.

2 METODOLOGIA

Trata-se de um presente estudo de abordagem qualitativa, conduzido como um relato de intervenção realizada de maneira vivencial e participativa, fundamentada nos princípios da educação popular, conforme propostos por Paulo Freire (1987). A escolha metodológica adotada pauta-se na perspectiva freiriana de que o processo educativo deve partir do respeito aos saberes prévios dos sujeitos, promovendo uma construção coletiva do conhecimento (FREIRE, 1987). Assim, priorizou-se o diálogo, a escuta ativa e a valorização das experiências das crianças, compreendendo-as como protagonistas do próprio processo formativo.

A atividade foi organizada de forma cronológica e estruturada, com ênfase na participação ativa das crianças e no fortalecimento dos vínculos entre os envolvidos. A metodologia seguiu um caráter dialógico e horizontal, com momentos planejados que integraram teoria e prática por meio de oficinas e estações lúdicas, dinâmicas e espaços de convivência. O referencial teórico de Kishimoto (2007) também foi incorporado para embasar o uso do brincar como instrumento de mediação pedagógica e desenvolvimento integral na infância.

Foi conduzido um bate-papo educativo com linguagem acessível, abordando a temática da saúde emocional e os impactos do uso excessivo de telas durante a infância. A pergunta norteadora, foi: “O que vocês gostam de fazer no tempo livre?”. As respostas evidenciaram o consumo predominante de conteúdos digitais, confirmando a relevância do tema abordado para o público-alvo. momento teórico foi conduzido de maneira leve, com exemplos e escuta ativa, incentivando as crianças a refletirem sobre sua rotina e o valor das brincadeiras na infância. A condução foi participativa, utilizando perguntas abertas como estratégia para estimular a reflexão e favorecer a construção conjunta do conhecimento.

A intervenção integra o projeto de extensão “Desconecta e Brinca: a infância que encanta” e foi conduzida pelos discentes sob supervisão docente, com registros sistematizados em diário de campo por meio de registros em diário de campo e apoio fotográfico (quando previamente autorizados pelos responsáveis). Os aspectos éticos da atividade foram respeitados, incluindo a não exposição indevida das imagens das crianças e à proteção da dignidade das crianças participantes. O cuidado com a abordagem humanizada foi base durante toda a ação.

3 DESENVOLVIMENTO

Chegamos ao Instituto Vida Abençoada após organizarmos previamente nossa logística de deslocamento e materiais. Dividimo-nos entre os veículos, enquanto parte do grupo finaliza os preparativos de última hora, como o bolo e os brindes. Fomos recepcionados por um voluntário da instituição, que nos orientou quanto à disposição dos espaços para montagem das estações e optamos por organizá-las ao ar livre estimulando para que o contato com a natureza pudesse ser aproveitado. Iniciamos, então, os preparativos: decoramos o ambiente com balões, organizamos os cartazes, posicionamos o lençol para a roda de conversa e deixamos à disposição revistas em quadrinhos e livros infantis para acolher as primeiras crianças.

Apesar da ansiedade inicial diante do número reduzido de crianças no começo, percebemos, aos poucos, a chegada de novos participantes. Uma das crianças comenta que o atraso ocorreu por ser um dia letivo e a maior parte das crianças estudarem em período integral, informação que nos tranquilizou. Ao final, contamos com a participação ativa de 20 crianças, número considerado positivo pela diretora da instituição, visto que no dia não havia outras atividades sendo realizadas e as crianças foram exclusivamente para o nosso projeto.

No momento de acolhimento, observamos a importância de proporcionar um ambiente confortável e seguro para as crianças desde o primeiro contato. Recebemos cada uma de forma atenciosa, com sorrisos, música e disponibilidade genuína para interagir. Antecipando o tempo de espera até o início oficial das atividades, organizamos um ambiente com revistas em quadrinhos, pensando em oferecer uma opção tranquila e acolhedora para os que fossem chegando. De forma espontânea

algumas crianças se aproximaram desse espaço, pedindo que lêssemos para elas ou demonstrando interesse em explorar as histórias por conta própria. Esse gesto, simples e ao mesmo tempo significativo, evidenciou o quanto a nossa presença sensível e o espaço afetivo construído favoreceu vínculos autênticos.

Além disso, a recepção contou com pinturas faciais feitas por um integrante do grupo, bem como a entrega de adesivos com os nomes das crianças, e dança ativa como “ cabeça, ombro, joelho e pé”. Esses pequenos detalhes contribuíram para criar uma ambientação acolhedora e personalizada, em que cada criança era reconhecida como única e se sentia parte do momento, se tratando de uma construção coletiva de cuidado, em que a escuta, o afeto e o reconhecimento individual ganharam centralidade. A personalização dessas interações, desde o nome no adesivo até a finalização do projeto, reforçou o compromisso do grupo com uma abordagem respeitosa, lúdica e atenta às necessidades da infância.

Algumas crianças chegaram de forma espontânea, abraçando os participantes do grupo. Outras, no entanto, demonstraram timidez e retraimento, exigindo dos membros da equipe estratégias mais cuidadosas para acolhê-las, como oferecer atenção um pouco mais individualizada e buscar envolvê-las aos poucos, por meio de estímulos afetivos e brincadeiras convidativas, como fazer laços no cabelo das meninas e relógios para os meninos com as fitas que havíamos levado para confecção dos brinquedos, mas a montagem dos brinquedos recicláveis não foi prejudicada.

Iniciamos as atividades com uma roda de conversa. Primeiramente conduzimos um momento interativo em que começamos nos apresentando e falando o que gostávamos de fazer no nosso tempo livre, induzindo as crianças a compartilharem seus gostos e hábitos. Suas respostas, como o uso frequente de telas, videogames e celulares, contamos com o relato de uma criança que se descreveu como “aviciada em celular”, serviram de gancho para introduzirmos o tema do projeto: “Desconecta brinca: a infância que encanta”, refletindo sobre o uso excessivo das telas e sobre outras maneiras de passar seu tempo livre. Por meio dos cartazes, explicamos de forma lúdica os impactos cognitivos, físicos e, principalmente, emocionais do uso contínuo de dispositivos eletrônicos.

As perguntas feitas estimularam a reflexão e a identificação com o conteúdo apresentado. Este momento foi conduzido com base nos aprendizados construídos em sala de aula, bem como a partir de nossas pesquisas individuais sobre a Educação

Popular. Ao estudar esse campo, nos deparamos com a perspectiva de Paulo Freire, segundo a qual “ensinar exige respeito aos saberes dos educandos” (Freire, 2011, p. 15).

A partir dessa compreensão, não nos colocamos em uma posição de superioridade ou imposição de conhecimento, mas de escuta ativa, criando um espaço horizontal em que as crianças refletem conosco sobre os efeitos do uso excessivo de telas e vivenciam, na prática, outras formas de brincar, conviver e aprender. Apresentamos para as crianças os malefícios do uso excessivo de telas, a importância do uso com equilíbrio, e introduzimos os brinquedos de materiais recicláveis, tanto o que iríamos fazer na hora, o “vai e vem”, como outras opções para praticarem em casa.

Na sequência, damos início à estação de confecção de brinquedos recicláveis. Muniz e Nascimento (2024) afirmam que o uso de materiais recicláveis em jogos e atividades lúdicas na Educação Infantil oferece uma possibilidade de despertar a consciência ambiental dos indivíduos, e além disso, pode estimular o desenvolvimento cognitivo, motor e social das crianças. Essas atividades criam uma experiência de aprendizado criativa e inspiram a imaginação, ajudando a desenvolver habilidades motoras finas e cognitivas, além de ensinar a importância da reciclagem e sustentabilidade.

Assim, as crianças foram divididas em pequenos grupos, orientados por membros da equipe. Percebemos o entusiasmo e o engajamento das crianças ao perceberem que é possível criar brinquedos a partir de materiais simples, promovendo criatividade e autonomia. Algumas já conheciam o brinquedo proposto, o que facilitou a familiaridade com a atividade e a ampla participação. Após a confecção desses brinquedos distribuímos os que havíamos levado prontos, garantindo que todas as crianças levassem pelo menos um para casa.

Segundo Kishimoto (2007), “o brincar é uma atividade essencial para o desenvolvimento integral da criança, pois favorece a construção de competências cognitivas, sociais e emocionais”. Seguindo esse raciocínio, conduzimos em seguida as brincadeiras tradicionais. Durante a realização dessa atividade, um dos desafios enfrentados foi o esquecimento dos materiais planejados para as brincadeiras, como cordas e elásticos. Inicialmente, essa falha foi percebida como um obstáculo, já que parte da proposta envolvia o resgate de brincadeiras clássicas da infância que exigem

esses recursos. No entanto, essa limitação acabou impulsionando a equipe a exercitar a criatividade, adaptando novas dinâmicas de forma espontânea, com os materiais disponíveis e com base no ambiente do instituto. Substituímos pelas brincadeiras “morto ou vivo” e “dança das cadeiras”.

Essa mudança, embora não planejada, teve um impacto positivo: tornou as atividades mais acessíveis para crianças fora da faixa etária originalmente pensada, de 6 a 10 anos, haja vista que muitas mães, por questões de logística familiar, acabaram levando crianças menores, e estas também puderam participar das brincadeiras devido ao seu caráter mais livre e com menor exigência da coordenação motora. Assim, o contratempo se transformou em uma maneira de inclusão, possibilitando o engajamento e favorecendo momentos de interação entre crianças de diferentes idades, fortalecendo os vínculos comunitários.

Outro momento que nos marcou foi quando, durante a dança das cadeiras, uma criança que foi eliminada da rodada começou a chorar. Esse episódio exigiu uma resposta rápida por parte da equipe, que precisou agir com sensibilidade e criatividade para evitar que a exclusão pontual comprometesse a experiência lúdica e afetiva da criança. Em poucos segundos, reorganizamos a dinâmica: a criança que saía da brincadeira passava a assumir uma nova função, controlar a música da próxima rodada.

Essa mudança simples no funcionamento da atividade transformou completamente o impacto emocional da eliminação, ressignificando-a como uma transição para uma nova forma de participação. A partir desse ajuste, todas as crianças que saíam das rodadas passam a ter um papel ativo, sentindo-se importantes para o andamento da brincadeira. Isso contribuiu para um clima mais colaborativo, no qual as crianças não se sentiam rejeitadas ao sair da brincadeira, mas acolhidas em uma nova função.

Esses momentos ilustram como a escuta atenta às reações das crianças e a capacidade de adaptação são fundamentais em atividades com o público infantil. Mais do que seguir um planejamento rígido, o sucesso da intervenção esteve justamente na flexibilidade da equipe e no compromisso com uma experiência acolhedora, inclusiva e significativa para todas as crianças envolvidas, permitindo que situações adversas sejam ressignificadas como oportunidades de aprendizado e acolhimento.

Por fim, organizamos a distribuição dos lanches e das lembrancinhas. As crianças demonstram entusiasmo com a entrega e, ao serem questionadas sobre a experiência, respondem com expressões como “foi nota 11, nota 1000” e “Tia, vocês voltam quando? Gostei muito”. Muitas correram para abraçar membros do grupo, num gesto que ultrapassa qualquer formalidade e revela o vínculo afetivo estabelecido naquele curto período. Foi um momento de troca genuína que evidencia o amor e a abertura com a qual acolheram a nossa presença.

Algumas mães, inclusive, se aproximaram com interesse, agradecendo a ação e perguntando se haveria outras edições no futuro. Essa receptividade reafirmou a importância do nosso papel enquanto estudantes comprometidos com a comunidade e nos mostrou o quanto pequenas ações podem provocar grandes movimentos afetivos e educativos. Finalizamos com a urna de feedbacks simbólicos com emojis, onde as crianças expressaram, com espontaneidade, sua satisfação.

Essa vivência evidencia, de forma concreta, a importância dos Projetos de Intervenção não apenas para a comunidade, mas também para a formação integral do estudante de Medicina. Ao sairmos do espaço da sala de aula e nos inserirmos em contextos reais, somos desafiados a aplicar os conhecimentos teóricos em situações práticas, imprevisíveis e muitas vezes sensíveis. A experiência nos convidou a refletir sobre o papel social da Medicina e reforçou que a formação médica vai além da técnica: envolve a capacidade de escutar, acolher, dialogar e agir com sensibilidade social.

Durante a ação, foi possível desenvolver competências essenciais para a prática profissional comprometida com a realidade das pessoas, como a escuta qualificada, a comunicação efetiva, a empatia, o pensamento crítico, a criatividade frente aos imprevistos e o trabalho em equipe. Aprendemos a valorizar a importância do planejamento, mas também a reconhecer o poder da flexibilidade e da sensibilidade diante das demandas que emergem no encontro com o outro.

A ausência de alguns materiais previstos inicialmente, por exemplo, poderia ter comprometido parte das atividades. No entanto, ao ativarmos nossa criatividade e colaborarmos como grupo, conseguimos criar soluções que se revelaram ainda mais inclusivas e acolhedoras. O episódio da criança que chorou após ser desclassificada e foi rapidamente incluída em outra função demonstra nossa capacidade de lidar com

as emoções alheias com delicadeza e respeito, uma habilidade indispensável para quem pretende cuidar de pessoas.

Além disso, a convivência com as crianças, mães e moradores do território nos proporcionou uma escuta genuína. A experiência rompeu com a lógica verticalizada de quem “leva algo” para quem “recebe” e nos colocou em uma posição de troca, de aprendizagem mútua, como propõe a Educação Popular. Foi nesse encontro que percebemos, com mais nitidez, que o conhecimento técnico precisa ser atravessado pelo afeto com o outro, a experiência se consolida como um marco transformador na trajetória acadêmica e pessoal de todos os envolvidos. Mais do que ensinar sobre o impacto do uso excessivo de telas, vivenciamos na prática o quanto a saúde passa também pela convivência, pelo movimento e pela ludicidade. Ao final, saímos diferentes: mais conscientes, mais sensíveis e mais preparados para exercer a Medicina que queremos construir.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A proposta inicial do projeto era promover uma reflexão sobre o uso excessivo de telas entre crianças e estimular práticas mais saudáveis por meio de brincadeiras, diálogo e construção coletiva do conhecimento. Observando a participação ativa, o envolvimento e os feedbacks recebidos, podemos afirmar que nossos objetivos foram alcançados. A escolha por uma abordagem lúdica e dialógica, ancorada na Educação Popular, possibilitou que as crianças se sentissem protagonistas da experiência, refletindo de maneira autêntica sobre seus hábitos e descobrindo novas formas de brincar e conviver.

A vivência trouxe benefícios significativos tanto para as crianças quanto para os integrantes do grupo. Para elas, foi um momento de acolhimento, diversão e aprendizado, e para nós, significou a oportunidade de exercitar competências humanas essenciais, como a escuta, a empatia, a criatividade e o trabalho em equipe. Ao lidar com imprevistos e responder com sensibilidade às necessidades das crianças, fomos desafiados a sair da zona de conforto e a aplicar os conhecimentos teóricos em um contexto vivo e imprevisível.

Essa experiência também provocou mudanças importantes na nossa percepção sobre o papel do profissional de saúde. Aprendemos que cuidar vai além do domínio técnico: exige sensibilidade, respeito às individualidades e disposição para aprender com o outro. Ao vivenciar a construção de vínculos reais com as crianças e suas famílias, compreendemos que a formação médica precisa incluir espaços de prática comunitária que valorizem a afetividade, a escuta ativa e o compromisso com a comunidade.

Encerramos convictos de que tudo o que vivemos foi transformador. Participar do projeto nos permitiu compreender, na prática, que a construção de uma Medicina mais humana exige mais do que conhecimento técnico. Demanda presença, escuta, sensibilidade e compromisso com o cuidado em sua dimensão integral. Ao nos aproximarmos da realidade das crianças e de suas famílias, percebemos o quanto gestos simples, quando carregados de intenção, afeto e respeito, são capazes de provocar mudanças reais. Esse projeto nos fez perceber que o brincar, os vínculos formados e a escuta são ferramentas potentes de cuidado. Saímos mais atentos às necessidades do outro, mais abertos ao diálogo e mais conscientes da nossa responsabilidade social como futuros profissionais de saúde.

5 REGISTROS VISUAIS

Figura 16 - Acadêmicos de medicina na realização do projeto



Fonte: Autoria própria.

Figura 17 - Momento da produção de brinquedos com garrafa PET



Fonte: Autoria própria.

Figura 18 - Logomarca – Projeto de Extensão



Fonte: Autoria própria.

REFERÊNCIAS

ALZUBAIDI, H. *et al.* Screen time and emotional and behavioral problems among children in Saudi Arabia and Bahrain. **Frontiers in Psychology**, v. 15, 2024. Disponível em: <https://www.frontiersin.org/articles/10.3389/fpsyg.2024.00000/full>. Acesso em: maio 2025.

CHRISTAKIS, D. A. The Challenges of Defining and Studying “Digital Addiction” in Children. **Pediatrics**, v. 143, n. 6, e20182592, 2019.
<https://doi.org/10.1542/peds.2018-2592>

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. 43. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2011.

FREIRE, P. **Educação como prática da liberdade**. 22. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

GINSBURG, K. R. The importance of play in promoting healthy child development and maintaining strong parent-child bonds. **Pediatrics**, v. 119, n. 1, p. 182–191, 2007.
<https://doi.org/10.1542/peds.2006-2697>

KISHIMOTO, T. M. **Jogo, brinquedo, brincadeira e a educação**. 10. ed. São Paulo: Cortez, 2007.

LIU, J. *et al.* Screen Media Overuse and Associated Physical, Cognitive, and Emotional/Behavioral Outcomes in Children and Adolescents: An Integrative Review. **Journal of Pediatric Health Care**, v. 36, n. 2, p. 142–153, 2022.
<https://doi.org/10.1016/j.pedhc.2021.09.005>

PAULICH, K. N. *et al.* Screen time and early adolescent mental health, academic, and social outcomes in 9- and 10-year-old children: Utilizing the ABCD Study. **PLOS ONE**, v. 16, n. 9, p. e0256591, 2021. <https://doi.org/10.1371/journal.pone.0256591>

RAFAELA, M.; NASCIMENTO, S.; DE SOUSA MUNIZ, S. Jogos e Brincadeiras com Materiais Recicláveis na Educação Infantil. **Base Nacional Comum Curricular**. [s.l.: s.n.]. Disponível em:
<https://editorarealize.com.br/editora/anais/conedu/2024/TRABALHO_COMPLETO_E_V200_MD4_ID1013_TB3267_27102024225509.pdf>. Acesso em: 29 maio. 2025.

SOCIEDADE BRASILEIRA DE PEDIATRIA (SBP). Uso de telas por crianças e adolescentes: riscos à saúde e recomendações. **Departamento Científico de Saúde Digital**, Rio de Janeiro, 2019. Disponível em: <https://www.sbp.com.br>. Acesso em: maio 2025.

SOUZA, A. B. M.; MENDES, D. M. L. F.; KAPPLER, S. R. A compreensão emocional infantil: uma revisão da literatura. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, Brasília, v. 27, n. 1, p. 224-244, 2021. <https://doi.org/10.1590/0102.3772e2719>.

